

**ENTRE A FÉ E O CAMINHO: O CICLISMO COMO PEREGRINAÇÃO NA DEVOÇÃO À
NOSSA SENHORA DE NAZARÉ****BETWEEN FAITH AND THE PATH: CYCLING AS PILGRIMAGE IN THE DEVOTION TO
OUR LADY OF NAZARETH** <https://doi.org/10.63330/armv2n6-024>

Submetido em: 23/06/2026 e Publicado em: 29/06/2026

Marco Antônio Teixeira de Paula
Mestrando em Teologia pela Faculdades EST**Silvia Clícia Corrêa dos Santos de Paula**
Mestranda em Teologia pela Faculdades EST**RESUMO**

O presente artigo analisa o ciclismo como operacionalidade expressiva de fé, devoção e peregrinação no contexto da celebração e homenagem a Nossa Senhora de Nazaré, especialmente durante o mês de outubro, no qual fiéis percorrem longas distâncias, como 220 km, em direção ao local de culto, na capital Belém/PA. A prática é compreendida como uma forma de gratidão, promessa e superação, na qual o corpo, o esforço e o sacrifício assumem dimensões simbólicas e espirituais. Ao longo do percurso, observa-se também a presença de outros devotos que, por meio de gestos como oferta de alimentos, massagens e acolhimento, expressam sua fé através do cuidado para com o próximo. Complementarmente, o estudo proporciona as reflexões de Paula, Paula e Klemz sobre futebol e fé, analisando as torcidas e o Círio de Nazaré como contexto experiencial de pertencimento e espiritualidade coletiva em Belém do Pará. A partir das contribuições de Victor Turner, Émile Durkheim, Michel de Certeau, Leonardo Boff e Viktor Frankl, discute-se a peregrinação e as manifestações de massa como práticas que articulam corpo, comunidade, cultura popular, sentido e transcendência. Argumenta-se que o ciclismo e as devoções coletivas, nesse contexto, constituem-se como experimentações espirituais que fortalecem a fé, promovem o sentido de vida e expressam valores de solidariedade, valorização humana e identidade cultural.

Palavras-chave: Ciclismo; Peregrinação; Círio de Nazaré; Futebol e fé; Espiritualidade coletiva.**ABSTRACT**

This article analyzes cycling as an expressive operation of faith, devotion, and pilgrimage within the context of celebrating and honoring Our Lady of Nazareth (*Nossa Senhora de Nazaré*). This practice is particularly prominent during October, when the faithful travel long distances - such as 220 km - toward the place of



worship in the capital city of Belém, Pará. The practice is understood as a form of gratitude, promise-fulfillment (*promessa*), and resilience, where the body, effort, and sacrifice take on symbolic and spiritual dimensions. Along the route, one also observes the presence of other devotees who, through gestures such as offering food, providing massages, and offering hospitality, express their faith by caring for others. Additionally, the study incorporates the reflections of Paula, Paula, and Klemz on football and faith, analyzing supporter groups and the *Círio de Nazaré* as an experiential context of belonging and collective spirituality in Belém do Pará. Drawing on the contributions of Victor Turner, Émile Durkheim, Michel de Certeau, Leonardo Boff, and Viktor Frankl, this paper discusses pilgrimage and mass manifestations as practices that articulate body, community, popular culture, meaning, and transcendence. It is argued that cycling and collective devotions, in this context, constitute spiritual experiences that strengthen faith, promote a sense of purpose in life, and express values of solidarity, human appreciation, and cultural identity.

Keywords: Cycling; Pilgrimage; *Círio de Nazaré*; Football and faith; Collective spirituality.

1 INTRODUÇÃO

A prática religiosa, ao longo da história, tem se manifestado por meio de diferentes formas simbólicas, rituais e corporais. Entre essas manifestações, a peregrinação ocupa um lugar destacado, sendo compreendida como um deslocamento físico que expressa uma busca espiritual. No contexto brasileiro, a devoção a Nossa Senhora de Nazaré destaca-se como uma das mais significativas expressões de fé coletiva, reunindo milhares de fiéis anualmente com suas experimentações plurais.

Entre as diversas formas de participação, observa-se o crescimento da prática do ciclismo como modalidade de peregrinação, na qual devotos percorrem longas distâncias, muitas vezes superiores a 200 km, onde os percursos perpassam mais de 18h, motivados por promessas, gratidão ou devoção. Essa prática envolve esforço físico intenso, disciplina e superação, transformando o percurso em contextos experiências profundamente significativos.

Ao longo do trajeto, desenvolve-se uma rede de solidariedade, uma espécie de conectividade humana na qual outros fiéis oferecem apoio aos peregrinos, por meio de gestos concretos de cuidado. Tais práticas evidenciam que a peregrinação não se restringe ao deslocamento individual, mas constitui-se como uma experiência comunitária e espiritual.

Sob uma ótica analítica crítica, o uso da bicicleta na estrada ultrapassa o caráter de mero meio de transporte alternativo ou atividade esportiva esvaziada; configura-se, em termos como afirma Certeau (1994, p. 157-163) Estes contextos operacionalizam como uma tática de apropriação do espaço urbano e das rodovias pelos corpos crentes. Ao pedalar centenas de quilômetros, os ciclistas operacionalizam uma



"ressignificação do cansaço", onde o desgaste muscular e a fricção com o asfalto são intencionalmente convertidos em moeda votiva e linguagem devocional. Essa corporalidade estafante funciona como um poderoso catalisador de efervescência coletiva e comunhão, gerando um território sagrado itinerante que desestabiliza a lógica mercantil e utilitarista das estradas contemporâneas através do sacrifício e da gratidão explícita.

Essa mesma efervescência e necessidade de vinculação comunitária transborda o ciclismo tradicional e encontra ressonância em outras paixões arraigadas no tecido sociocultural de Belém do Pará. Torna-se indispensável tensionar a indissociável fronteira entre o sagrado e o profano ao investigar como o fenômeno do futebol local inter-relaciona-se visceralmente com o Círio de Nazaré. Como apontam Paula, Paula e Klemz (2026a), as torcidas organizadas e as massas que ocupam as arquibancadas e as procissões compartilham de uma mesma proporcionalidade emocional: o pertencimento e a busca por transcendência coletiva. O fervor das arquibancadas projeta-se nas cordas e nos pedais da festividade nazarena, demonstrando que as identidades clubísticas e a devoção mariana operam e experimentam-se em um mesmo ecossistema de espiritualidade de massa, onde o rito, a cor e a catarse coletiva dão sentido à existência e ao sofrimento cotidiano das pessoas amazônidas.

Diante desse cenário complexo, o presente artigo tem como objetivo analisar o ciclismo e as expressões de massa na quadra nazarena como operacionalidades de fé, cultura popular e ressignificação existencial. Justifica-se a investigação pela necessidade de mapear como a fé contemporânea reelabora seus suportes físicos, sejam eles as duas rodas em uma rodovia ou as bandeiras de uma torcida nas ruas de Belém, convertendo esforço, cultura e solidariedade em rotas legítimas de produção de sentido e transcendência face às pressões da modernidade.

2 A PEREGRINAÇÃO COMO PRÁTICA RELIGIOSA

A peregrinação pode ser compreendida como um fenômeno religioso que articula deslocamento físico e busca espiritual. Segundo Turner (2017, p. 17-32), a peregrinação constitui um espaço de transformação, no qual os indivíduos se afastam de suas rotinas e entram em um estado de transição, denominado "liminaridade".

Nesse estado, as hierarquias sociais são temporariamente suspensas, dando lugar a uma experiencial em comunhão, que o autor denomina "*communitas*". Essa dimensão é claramente observável nas práticas de peregrinação contemporâneas, nas quais os participantes compartilham desafios, experiências, significados e sentidos.

Sob um prisma analítico mais aguçado, a liminaridade turneriana ganha contornos hiperbólicos quando mediada pelo esforço do ciclista devoto. O ato de pedalar mais de 200 km sob as intempéries climáticas e os perigos da rodovia atua como um divisor de águas existencial. O cotidiano profano e



utilitarista é interrompido pelo cansaço deliberado, que iguala o executivo ao trabalhador informal na mesma fadiga física. Desta forma, essa suspensão das individualidades fomenta uma efervescência coletiva singular: a rodovia converte-se em um templo contextualizado e dinâmico, onde a dor compartilhada legitima o pertencimento ao sagrado. Não se trata meramente de vencer uma distância geográfica, ou superar o lapso tempo/espaço, mas de fraturar o tempo ordinário para dar lugar a uma experiência visceral, onde o sofrimento do corpo se torna o próprio veículo da transcendência.

Nesse sentido, a jornada do ciclista romeiro dialoga diretamente com as "artes de fazer" de Michel de Certeau e com a busca por sentido teorizada por Viktor Frankl. Se o planejamento técnico-político das estradas visa à aceleração e ao escoamento produtivo (a *estratégia* do poder econômico), o peregrino em duas rodas introduz o atraso sagrado e a exaustão ritualística (a *tática* do crente). Essa apropriação do espaço ressignifica a asfixia urbana e a aridez do asfalto em uma cartografia da esperança e do cumprimento da promessa. Ao passo de cada pedalada, o desgaste físico deixa de ser um evento biológico negativo e assume o papel de um logos, uma proposição nítida. O sacrifício, portanto, é ressignificado: ele deixa de ser apenas dor e passa a ser a materialização plástica de uma fé que necessita do limite corporal para se autovalidar e alcançar a cura interior.

3 COMUNIDADE, SOLIDARIEDADE E EXPERIÊNCIA COLETIVA

A dimensão coletiva da peregrinação pode ser analisada a partir das contribuições de Durkheim (2000), para quem a religião constitui um fenômeno social que reforça a coesão e a solidariedade entre os indivíduos. Durante o percurso ciclístico, observa-se a formação de uma comunidade temporária, na qual os participantes se reconhecem como parte de uma experiência comum. Os gestos de apoio como a oferta de alimentos, água e cuidados físicos expressam valores fundamentais da tradição cristã, como a caridade e o cuidado para com o próximo.

Uma análise mais verticalizada revela que essa rede de acolhimento nas estradas não é um mero evento assistencialista ou acessório ao percurso; ela é o próprio cerne de atualização do sagrado no espaço público. Sob a perspectiva durkheimiana, o que ocorre nas margens das rodovias que levam a Belém é a materialização da efervescência coletiva, onde os indivíduos se desprendem de seus egoísmos utilitários para fundar uma solidariedade mecânica temporária, baseada em crenças e sentimentos comuns. Quando o morador da estrada oferece água, frutas ou massagens ao ciclista exausto, opera-se o que Leonardo Boff (1999), conceitua como a ética do cuidado essencial. O cuidado deixa de ser um ato isolado de gentileza e assume uma dimensão política e espiritual de resistência: em um mundo hiperindividualizado e pautado pela velocidade das trocas econômicas, a gratuidade do amparo mútuo restabelece o vínculo social e consagra o asfalto profano através do altruísmo radical.



Essa comunhão estendida nas estradas ecoa e antecipa a própria dinâmica das ruas da capital paraense durante a quadra nazarena, onde o pertencimento e a identidade cultural se fundem de maneira indissociável e partícipe. Como pontuam Paula, Paula e Klemz (2026a), essa espiritualidade de massa manifesta-se em um concentrado muito similar àquela encontrada nas arquibancadas dos estádios e nas torcidas de futebol locais. Tanto no asfalto com o ciclismo devocional quanto no fervor das torcidas organizadas que saúdam a Imagem Peregrina, o que se testemunha é um composto experiencial de pertencimento agudo e catarse coletiva. A fusão entre a paixão popular e a devoção mariana em Belém do Pará reconfigura os limites da vivência religiosa, demonstrando que o sagrado amazônida se nutre na multidão e para ela. A solidariedade e a fé, portanto, deixam de ser conceitos abstratos e passam a ser uma experiência encarnada, corpórea e coletiva, capaz de gerar sentido e amparo social nos contornos da cultura popular.

4 O CORPO, O ESFORÇO E A SUPERAÇÃO

O ciclismo como forma de peregrinação envolve uma dimensão corporal significativa. O esforço físico, o cansaço e a superação dos limites tornam-se parte intrínseca da experiência espiritual. Para Certeau (1994), as práticas cotidianas podem ser compreendidas como projeções de expressão simbólica, nas quais as pessoas produzem significados por meio de suas operacionalidades. O ato de pedalar ressignifica-se em uma linguagem, na qual o corpo expressa em sua integridade a fé.

O esporte pode ser visto como uma prática que simultaneamente disciplina e possibilita experiências de ressignificação e aborda a produção de sentido e o cuidado de si face às exigências contemporâneas (Paula; Paula; Klemz, 2026b). Esse arcabouço dialogaria diretamente com a análise do ciclismo como uma "tática do corpo exausto" que subverte a lógica da modernidade e converte a dor física em cura interior e ressignificação existência.

Partindo de uma análise crítica, essa linguagem corporal da estrada operacionaliza uma verdadeira subversão geopolítica e anatômica. Em uma sociedade hipertecnológica/conectada, que busca a eliminação do desconforto e a aceleração do transitar a qualquer custo, o ciclista romeiro escolhe voluntariamente a lentidão e a dor. O desgaste muscular, a desidratação e a fadiga extrema não são encarados como falhas biológicas, mas como a própria sintaxe de uma prece encarnada. Nesta projeção Certeau entende a rodovia como uma estrutura imposta pelo poder institucional para o fluxo produtivo e veloz, o peregrino utiliza a tática do corpo exausto para fraturar essa lógica. Cada pedalada ladeira acima rasura a paisagem do asfalto utilitarista, convertendo a anatomia humana em um suporte sagrado onde a promessa ganha forma e o sacrifício pessoal se opõe à cultura do descarte e do menor esforço.

Essa instrumentalização da dor física como via de iluminação conecta-se diretamente à ontologia de Viktor Frankl sobre o sentido do sofrimento. Para Frankl (1991, p. 130-132), o ser humano não busca a



ausência de tensão, mas a luta por um propósito que valha a pena. O sofrimento deixa de ser patológico e ganha dignidade no momento em que é orientado para um valor supremo, neste caso, a devoção a Nossa Senhora de Nazaré. A superação dos limites físicos na estrada de 220 km atua como um laboratório existencial: ao transcender a exaustão das pernas, o ciclista experimenta uma libertação interior, na qual o domínio da vontade sobre a matéria válida a sua própria capacidade de resiliência diante das intempéries presentes na complexidade da vida cotidiana.

Conclui-se, portanto, que a jornada ciclística na quadra nazarena resgata a integralidade do sujeito crente, fundindo carne e espírito em um único ato litúrgico itinerante. O corpo na estrada deixa de ser um mero autômato biológico para se consolidar como o principal território de enunciação da fé, provando que a transcendência, na cultura popular amazônica, não é um exercício puramente abstrato, mas uma realidade que se conquista e se sente na própria pele.

5 ESPIRITUALIDADE, SENTIDO E TRANSCENDÊNCIA

A experiência da peregrinação pode ser compreendida como uma busca por sentido. Para Frankl (1991), o ser humano é orientado pela necessidade de encontrar significado, especialmente em situações de esforço e sofrimento. Nessa contextualização, a espiritualidade manifesta-se como uma dimensão profunda que integra corpo, emoção e transcendência. A peregrinação ciclística torna-se, assim, um contexto de encontro consigo mesmo, com o outro e com o sagrado.

Sob um prisma criticamente aguçado, essa busca por transcendência não ocorre em um vácuo contemplativo, mas sim nas franjas de uma modernidade líquida e mercantilizada. Ao converter as duas rodas e as estradas amazônicas em vias de purificação, o ciclista crente operacionaliza uma dessacralização do utilitarismo urbano. O asfalto, projetado para o escoamento rápido de mercadorias e a aceleração do capital, é subvertido em território humanizador, um local de manifestação do sagrado. O esforço acentuado deixa de ser um mero desgaste biológico e passa a atuar como uma enunciação corporal de resistência: uma tática que resgata a soberania da própria carne e da alma em um mundo que tenta reduzir a pessoa a um mero átomo de consumo.

Essa essencialidade existencial de vinculação identitária e transe de massa transborda a experiência solitária e ganha contornos comunitários pujantes na cultura popular paraense. Como evidenciado por Paula, Paula e Klemz (2026a), a espiritualidade coletiva e o sentimento de pertencimento que movem as grandes torcidas de futebol em Belém do Pará, homogeneízam-se na mesmíssima fonte mística que alimenta a quadra nazarena. O fervor das arquibancadas e a devoção no asfalto não são polos excludentes, mas sim manifestações simbióticas de uma efervescência coletiva contemporânea. Ambas as vivências fundem a paixão de massa, o rito e a catarse em uma gramática única, demonstrando que a transcendência



amazônida necessita do corpo estafante, da multidão unida e da comunhão festiva para se concretizar e conferir sentido às dores do cotidiano.

6 FÉ CRISTÃ E EXPRESSÃO NO CUIDADO COM O PRÓXIMO

A práxis do acolhimento aos peregrinos transcende a mera convenção social para se estabelecer como um dos pilares ontológicos da fé cristã. Como bem articula Leonardo Boff (1999), a espiritualidade em sua gênese não se dissocia do cuidado, da compaixão e da solidariedade ativa; ela exige uma abertura radical à alteridade. Sob essa ótica interpretativa que orienta o escopo teórico-metodológico deste estudo por meio de uma imersão qualitativa e bibliográfica nas encruzilhadas da sociologia da religião, da antropologia e da teologia, os gestos de hospitalidade testemunhados ao longo das rotas não podem ser reduzidos a um ascetismo individualizado. Pelo contrário, a fé se materializa e ganha contornos políticos e éticos na relação direta com o outro.

É precisamente nessa fricção entre o sagrado e o profano que a peregrinação se desvela como um locus de vivência empírica dos valores cristãos, onde a metodologia de análise teórica permite enxergar o ciclismo não apenas como uma prática esportiva ou de lazer, mas como uma autêntica fenomenologia da caminhada crente. Longe de ser um fenômeno homogêneo, a transposição da peregrinação para o pedal articula, de forma complexa, as múltiplas dimensões da experiência humana. A análise hermenêutica dos textos e cenários evidencia que o corpo do ciclista se torna o próprio suporte da busca pelo sentido, onde o cansaço físico e a superação pessoal operam como catalisadores do fortalecimento interior e da autodescoberta.

Longe de um isolamento místico, essa jornada corpórea e motorizada pela tração humana reconfigura as fronteiras da comunidade. O esforço compartilhado e a vulnerabilidade das estradas geram uma sociabilidade orgânica, fragmentando o individualismo contemporâneo através da edificação de vínculos sociais pujantes e da ressignificação da fé em movimento. A experimentação da estrada, portanto, unifica corpo, crença e coletividade, transformando o ato de pedalar em um manifesto vivo de cuidado e transcendência.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação sobre o ciclismo neste contexto devocional pertencente a quadra nazarena, desvela que o ato de pedalar longas distâncias em direção a Belém do Pará, perpassa as margens de uma mera atividade física ou de um deslocamento geográfico acessório; configura-se, um caráter essencialmente, como uma autêntica fenomenologia encarnada da fé e uma tática subversiva de apropriação do espaço. Ao converter o asfalto produtivo e as intempéries das rodovias amazônicas em um laboratório existencial, o ciclista romeiro opera uma contundente dessacralização da lógica utilitarista e hiperacelerada da



modernidade tardia. A exaustão muscular e a dor deliberada, longe de se reduzirem a falhas biológicas, são convertidas em sintaxe litúrgica e linguagem votiva, provando que a transcendência na cultura popular não é uma abstração inteligível, mas uma realidade conquistada e sentida na própria pele.

A jornada do pedal, sob o olhar crítico aqui cunhado, atualiza a *communitas* turneriana e a efervescência durkheimiana ao fragmentar o individualismo atomizado contemporâneo. Nas margens das estradas, a imersão na vulnerabilidade física convoca o surgimento de uma sociabilidade orgânica e altruísta, onde a rede de amparo e a ética do cuidado essencial teorizada por Boff transmutam a caridade assistencialista em um manifesto político e espiritual de resistência plural. Ademais, a articulação dessa mística com as paixões profanas locais notadamente o fervor identitário do futebol paraense mapeado por Paula, Paula e Klemz (2026a) demonstra que o sagrado amazônida operaciona em um ecossistema simbiótico de espiritualidade de massa. Seja no clamor das arquibancadas, seja na tração humana sobre duas rodas, a catarse e o sentimento agudo de pertencimento emergem da mesma matriz cultural que confere dignidade e sentido às fraturas do sofrimento cotidiano.

Em última análise, este estudo conclui que a peregrinação ciclística unifica de forma indissociável corpo, crença, cultura popular e coletividade. A bicicleta, nesse cenário de devoção mariana, consolida-se como um dispositivo político-epistemológico e existencial de produção de sentido. O artigo cumpre, assim, o papel de registrar e adensar teoricamente as ressignificações das práticas religiosas contemporâneas, evidenciando que, enquanto houver corpos crentes dispostos a rasurar as artérias do capital com a lentidão sagrada do sacrifício e com o altruísmo radical do cuidado com o próximo, a fé permanecerá viva, encarnada e em movimento pelas estradas da Amazônia.

REFERÊNCIAS

- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FRANKL, Viktor E. **Em Busca de Sentido: Um psicólogo no campo de concentração**. Petrópolis: Vozes, 1991.
- PAULA, Marco Antônio Teixeira de; PAULA, Silvia Clícia Corrêa dos Santos de; KLEMZ, Charles. Futebol e fé: torcidas e o Círio de Nazaré como experiências de pertencimento e espiritualidade coletiva em Belém do Pará. **REMUNOM**, v. 13, n. 04, p. 1-17, mar. 2026a. DOI: 10.66104/wtq3sr22. Disponível em: <https://doi.org/10.66104/wtq3sr22>. Acesso em: 23 jun. 2026.
- PAULA, M. A. T.; PAULA, S. C. C. S.; KLEMZ, C. Entre Redes e Quadras: Identidade, Cuidado de Si e Ressignificação no Voleibol Feminino. **Revista Tópicos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 32, p. 1-12, 2026b. Disponível em: 10.70773/revistatopicos/776386963. Acesso em: 23 jun. 2026.



TURNER, Victor; TURNER, Edith. **Imagem e Peregrinação na Cultura Cristã**: perspectivas antropológicas. Petrópolis: Vozes, 2017.